

Tráfico faz aluno fugir da escola

TONINHO TAVARES

NO CENTRO DE ENSINO Nº 16, NA CEILÂNDIA, MAIS DE 160 ALUNOS ABANDONARAM AS SALAS DE AULA

JASON PASCOAL

A guerra pelo comando do tráfico de drogas na Ceilândia vem impondo transformações na vida dos moradores. Uma das conseqüências mais graves foi registrada no início deste ano, quando 163 alunos abandonaram a sala de aula. O episódio ocorreu no Centro de Ensino nº 16, entre a QNM 22 e 24, Ceilândia. Desde o início de março, nenhuma sala de aula funciona à noite. Não que a Secretaria de Educação não queira. A evasão escolar é determinada pela disputa de poder entre os "merlatrâficantes", como são conhecidos os caciques do tráfico da substância mais vendida na cidade.

A merla é um entorpecente poderoso, feito a partir de substrato de cocaína e solução de bateria. Seu comércio é disseminado na Ceilândia, e a própria polícia reconhece este fato. É pelo controle da venda deste tipo de droga que pessoas estão morrendo na cidade. É esta a guerra que também retirou alunos da sala de aula, segundo professores. E não foram poucos os que abandonaram a escola para estudar a quilômetros de distância ou em horários mais tranquilos.

No início do ano passa-

do, o estabelecimento contava com 194 alunos em quatro turmas no horário noturno. No dia 5 de março deste ano veio a surpresa: apenas 31 estudantes optaram por renovar a matrícula no Centro de Ensino 16. A baixa demanda inviabilizou a continuidade das aulas de 5ª a 8ª séries noturnas (únicas oferecidas). "Não havia como manter a escola funcionando com uma quantidade tão pequena de alunos", explica um funcionário que pede anonimato. "Na 5ª série, por exemplo, eram apenas três os matriculados", disse. A guerra do tráfico de drogas para professores, alunos e moradores é a explicação para a fuga dos alunos

"O ano de 2000 foi difícil porque tivemos muitos problemas com a violência", explica um funcionário. "Era comum terminarmos a aula mais cedo por causa das ameaças", completa uma professora. A situação chegou ao extremo de funcionários do centro de ensino

terem de levar os alunos até suas casas, em seus carros.

Nem mesmo o Batalhão Escolar, que passou atuar em tempo integral na escola no segundo se-

mestre do ano passado (antes era por revezamento, ou seja, os policiais passavam apenas dois da semana na escola), foi capaz de dar mais tranquilidade aos alunos. "Porque o problema não está dentro da escola, mas sim quando você ia para casa", explica Juez Mariano (nome fictício), um dos alunos que até o ano passado fazia parte do quadro do Centro de Ensino 16.



DESDE o início do mês, nenhuma sala de aula funciona no período noturno no Centro de Ensino 16, na Ceilândia, por falta de aluno

► **A evasão escolar é determinada pela disputa de poder entre os merlatrâficant**